

A simbologia das armas do cavaleiro medieval presente no *Livro da Ordem de Cavalaria*, de Raimundo Lúlio: a retomada saudosista da importância de enfatizar valores cristãos.

Paula Carolina Teixeira Marroni (PPE – UEM / GTSEAM / CAPES)
Terezinha Oliveira (PPE – UEM / GTSEAM / CNPQ)

Introdução

A crescente sacralização da cavalaria medieval, principalmente após o século XI, influenciou a elaboração de tratados a respeito da relação entre a ética cristã e a cavalaria medieval. Um grupo, denominado por Flori (2005) de “teóricos da cavalaria”, formado por Bernardo de Claraval (1090 – 1153), Jean de Salisbury (1115 – 1180) e Raimundo Lúlio (1232 – 1316) foi responsável por tentar inserir nos ideais cavaleirescos, elementos da doutrina cristã. Pautado nas teorias de Flori (2005), Starling (2009) afirma que os teóricos da cavalaria buscavam ordenar as ações dos cavaleiros através da criação de um estilo de vida novo, onde os cavaleiros poderiam se reconhecer através de um objetivo comum, de forma que a ética cristã dentro da cavalaria auxiliava no controle das ações cavaleirescas.

A igreja, nesse sentido, passa a sugerir a sacralização da cavalaria também por meio de cerimônias, sagrações, ritos litúrgicos, bênçãos nos atos de entrega das armas, da função do cavaleiro em defender a fé cristã. A própria caracterização da cavalaria como uma ordem, ordenada, determinava o ideal ligado à honra do cavaleiro e à defesa da igreja. Estas vão culminar nas propostas de cruzadas, tais como o discurso, proferido pelo Papa Urbano II, em 1095, no Concílio de Clermont, incentivando as Cruzadas sem a necessidade do intermédio de príncipes ou reis (FLORI, 2005).

Um dos teóricos da cavalaria que busca retomar os ideais da cavalaria cristã para ele perdidos no século XIII, Raimundo Lúlio, discorre profundamente sobre a relação presente entre a ordem de cavalaria e a ordem clerical. O autor estabelece essa relação de várias formas: revalorizando o ideal de cruzada, em *O Livro da*

Ordem de Cavalaria (1279-1283); reafirmando a importância das virtudes cavaleirescas para o século XIII; considerando o cavaleiro um modelo de conduta social, retoma constantemente a importância dos ritos, liturgias, cerimônias e simbologias cristãs. Além disso o fortalecimento da fé cristã é ressaltado por Lúlio. Por este motivo, no que se refere ao armamento do cavaleiro, podemos perceber a relação presente entre o ofício da ordem e a simbologia cristã sugerida pelo monge medieval. Afinal, durante a obra, Lúlio procura valorizar a relação presente entre as ordens, sugerindo a importância desta amizade. Sendo assim, no quinto capítulo da obra destacada para este estudo, Lúlio afirma que, da mesma forma que os clérigos possuem vestimentas específicas para o ofício na Missa, na qual cada elemento possui um significado simbólico, assim também o cavaleiro deve possuir significados para seus armamentos e vestes.

Diante de tais considerações, esse trabalho refletirá acerca da simbologia referente às armas e instrumental pertencentes ao cavaleiro medieval sob a ótica do monge Raimundo Lúlio apresentados na obra. Esta reflexão se pauta na teoria de que Lúlio buscava enfatizar, por meio de uma retomada saudosista, a importância da relação existente entre a cavalaria medieval e a igreja. Considerando como referencial a história social, após apresentar o contexto da obra (Maiorca do século XIII) e da vida de Raimundo Lúlio, cada uma das armas é analisada de forma a concluir o debate inferindo que, ao relacionar elementos simbólicos da fé cristã com as armas necessárias para o ofício de cavaleiro, Lúlio buscava enfatizar a importância da retomada da fé cristã e seus valores pautados nas virtudes como a função primordial da ordem de cavalaria.

Breve apresentação do autor e obra

Apresentamos, *O Livro da Ordem de Cavalaria* como uma obra escrita que buscava reforçar a importância do cavaleiro medieval pelo reforço das virtudes necessárias para o ofício de cavaleiro, de forma que, enquanto modelo de conduta, auxiliasse a sociedade na retomada destas qualidades. Ele foi escrito pelo monge medieval Ramon Llull, ou Raimundo Lúlio, em português. Autores como Costa (1997, 2000, 2001), Zierer (2008) apresentam-no como um nobre detentor de terras

nascido em Maiorca (Palma, Espanha). Esta cidade para Eco (2001), possuía peculiaridades próprias referente ao encontro de três principais grupos: cristãos, judeus e árabes. Sendo assim, mesmo que com criação Cristã, Lúlio foi educado também em árabe. De acordo com *Vida Coetânea* (LLULL, 1311), ao receber as visões de Cristo e converter-se, Lúlio comprou um escravo árabe para que atuasse como seu preceptor na língua.

Esta qualidade é bastante peculiar em Lúlio e torna-se uma característica marcante quando, no futuro, decide tornar-se monge. Durante sua vida, foi educado para ser cavaleiro, provavelmente foi mordomo do filho de Jaime I, o rei de Aragão (STARLING, 2009). Lúlio teve a oportunidade de ditar sua própria vida aos monges da ordem Cartuxa, de forma que muitos dos dados sobre sua vida são retirados da obra *Vida Coetanea* (1311). Esta obra, por exemplo, indica que Lúlio foi casado, teve filhos, e aos 32 anos de idade, teve um conjunto de visões que o fizeram converter-se ao cristianismo com profunda veemência, a ponto de desligar-se de sua família e empreender diversas viagens missionárias.

Aproveitando de sua fluência em árabe, Lúlio afirmava que era importante saber falar a língua do infiel (o muçulmano) para poder, com argumentos racionais, justificar a superioridade da fé cristã e assim levar a palavra de Deus e de Cristo a todos os povos. Para Rousset (1980) Lúlio foi um dos primeiros a sugerir a ideia de cruzada missionária, uma vez que, em fins do século XIII, a cruzada guerreira já não era mais praticada nos moldes de séculos anteriores. Nesse sentido, Costa (1997) afirma que, como as sugestões de cruzada missionária de Lúlio não teriam sido compreendidas na época, ao final de sua vida ele teria aceitado a luta armada.

Um indício de que ele sabia o cotidiano da vida do cavaleiro medieval é a obra *O Livro da Ordem de Cavalaria* (1232-1316). Este livro é considerado por vários autores (entre eles COSTA, 1997, 2000, 2001; ZIERER, 2008, STARLING, 2009) como um verdadeiro manual de educação do cavaleiro medieval. Além disso, indícios da necessidade de retomada de valores perdidos, como as virtudes, a honra que deve ser prestada ao cavaleiro e a constante necessidade de revalorizar o ideal de cruzada e a importância da fé cristã, mesclados com a ideia da importância do conhecimento pautado em livros para que seja respeitado, reflete o

panorama de transformações próprios do século XIII: indícios de valores antigos e novos em uma mesma obra.

O século XIII refletia esta ambiência: ao mesmo tempo que o ambiente citadino era valorizado, o comércio e a troca de mercadorias florescia cada vez mais, as universidades, criadas no seio da igreja, salpicavam de intelectuais que passavam a questionar a estrutura tradicional da igreja. Para Oliveira (2007), além destes intelectuais, representantes de ordens mendicantes eram responsáveis por questionar elementos da fé cristã. Dessa forma, a necessidade de revalorizar o ideal de cruzada, de reforçar e fortalecer a fé cristã, são elementos retomados por Lúlio de forma saudosista em *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Ao mesmo tempo, o crescimento da ciência, das instituições universitárias, demonstrava que honra era dada às ciências ensinadas em escolas e em livros. Este elemento de nova ordem é apresentado por Lúlio ao descrever que a cavalaria não tem a devida honra por não ser ensinada em livro nem possuir escolas para isso.

Percebemos, então, que esta obra do século XIII evidencia o panorama de transformações sociais próprios do seu tempo, sugerindo elementos de grande importância para conhecer como seria o homem ideal para o momento histórico em que Lúlio escrevia suas obras. É evidente, para ele, a superioridade da fé cristã, de forma que para elevar a ordem de cavalaria, ele recorre constantemente à importância da relação entre cavaleiros e clérigos:

Muitos são os ofícios que Deus tem dado neste mundo para ser servido pelos homens; mas todos os mais nobres, os mais honrados, os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são ofício de clérigo e ofício de cavaleiro; e por isso, a maior amizade que deveria existir nesse mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro (LLULL, 1275: c. II. 4.)

A comparação entre cavaleiros e clérigos é apresentada por Lúlio em relação ao aspecto comportamental, cerimonial, funcional e até em relação à simbologia da vestimenta de ambos. No quinto capítulo da obra, Lúlio afirma que assim como cada peça de roupa e cada objeto usado na celebração da eucaristia por um clérigo possui uma função simbólica, assim as armas, vestimentas e objetos usados pelo cavaleiro também possuem um significado próprio. A partir dessas considerações,

passemos ao próximo momento do texto, a análise da simbologia presente no armamento do cavaleiro descrito por Lúlio.

Considerações a respeito da simbologia presente no armamento do cavaleiro

Antes de apresentar as proposições para o arsenal de armas e instrumentos que fazem parte da vida do cavaleiro cristão e sua relação com a simbologia, cabe ressaltar que a ideia de simbologia para as armas não é uma criação de Lúlio. Conforme salienta Flori (2005), apesar de diferentes realidades, complexas, acerca das cerimônias de entrega de armas, a entrega solene de espadas já se dava, para reis, francos no Ocidente, desde o século IX. A presença na ajuda de Deus ao rei que será fiel, justo, protetor da igreja e de seus interesses, assistente aos pobres e fracos, próprias a príncipes ou vassallos, passa a ser destinada também, durante o século XII, para os cavaleiros.

Inicialmente, a entrega, para Flori, poderia ser de objetos (armas, assim como instrumentos de trabalhos de outras ordens sociais) abençoados. Assim, a espada abençoada, sobre o altar, a ser entregue, é ressaltada, segundo ele, por João de Salisbury e na canção de Guilherme (1075 – 1082). Entretanto, em seguida, pode-se perceber a existência de relação simbólica entre os objetos usados pelo cavaleiro e um significado relacionado à sacralidade daquele objeto:

Valente guerreiro, cinge tua espada; essa espada é de fato a do Espírito Santo, que é a Palavra de Deus. De acordo com essa imagem, sustenta então a Verdade, defende a Igreja, os órfãos, as viúvas, aqueles que oram e aqueles que trabalham, ergue-te prontamente contra aqueles que atacam a Santa Igreja, a fim de que possas surgir coroado, na presença do Cristo, armado com o gládio da Verdade e da Justiça (FLORI, 2005:44).

Além de citar este possível documento italiano, Flori relaciona-o com a obra de Lúlio, sugerindo que o objetivo é inculcar na cavalaria as regras de um comportamento que coloque o cavaleiro a serviço da Igreja e do bem, dando às armas do cavaleiro um significado ético e religioso da mesma ordem, mostrando que todo cavaleiro serve ao povo e à Deus.

Esta defesa da igreja pode, então, ser representada na relação presente entre as armas e a função do cavaleiro em defender a fé de Cristo. Raimundo Lúlio

apresenta a espada, a lança, o chapéu de ferro, a cota de malha, as calças de ferro, a espora, a gorjeira, a maça, o escudo e seu brasão, a sela, o cavalo, o freio e as rédeas, a testeira do cavalo, assim como suas guarnições, o perponte e a bandeira relacionando cada um deles com elementos importantes para a fé cristã de maneira simbólica.

É importante ressaltar que a Tapeçaria de Bayeux, obra de arte bordada no final do século XI pelos artesãos da Catedral de Cantebury a pedido do Bispo Odo de Bayeux, retratando a vitória normanda na batalha de Hastings (1066), é fonte imagética para a definição do armamento do cavaleiro medieval (FLORI, 2008). Sendo assim, alguns elementos podem ser identificados, tais como a lança, empunhada e manipulada pelo cavaleiro, mas que depende da força de impacto causada pelo galopar em velocidade do cavalo. A mesma tapeçaria apresenta a existência de selas, que são, conforme Costa (1997), uma verdadeira revolução na forma de cavalgar, permitindo ao cavaleiro que se comportasse como um verdadeiro centauro: mãos humanas e pernas com potência de um cavalo. Ainda para este autor, a sela significa a liberdade para o uso concomitante entre escudo, enquanto o cavalo é guiado, e na outra mão a lança ou espada.

Em relação à lança e à sela, Lúlio aponta suas considerações. Para Lúlio, a lança significa a verdade (LLULL, 1275, c.V, 3.). Ela não deve torcer ou quebrar, de forma que a verdade seja a responsável por colocar fora do combate seu adversário. Já a sela, é apontada como a segurança que o cavaleiro representa quando está em batalha. Assim como a sela transmite ao cavaleiro a segurança para cavalgar, também o cavaleiro transmite segurança e coragem na batalha àqueles que depositam nele sua confiança, ressaltando quão grande é o cargo da cavalaria (LLULL, 1275, c.V, 12.).

Costa (2001) e Starling (2000) apontam a concepção simbólica luliana quando tratamos da espada. Desde a tradição medieval que se relaciona à Canção de Rolando (anônimo do século XI; BEAUMONT, 1964), pela qual a espada, Durandal, foi entregue a Carlos Magno por um anjo. Esta, simbolizava a força, poder e decisão, e seu duplo gume confere a ela a simbologia da justiça e da cavalaria.

Em Lúlio, a espada simboliza o sacrifício da morte pela cruz, pois da mesma maneira que Cristo morreu, o infiel morreria pela cruz formada pela espada e por ela seria salvo. Ao ser cravada no infiel, ou no inimigo, ela traçaria o desenho de uma cruz, de forma a salvar e expiar aquela alma perdida e desligada da palavra de Deus. A simbologia do duplo gume também é ressaltada por Lúlio: “E porque a espada é cortante em cada lado, e Cavalaria é para manter a justiça, e justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro com a espada deve manter a Cavalaria e a justiça” (LLULL, 1275: c.V, 2.).

Cobrir o rosto com o Chapéu de Ferro, para Lúlio significa que ao cavaleiro ainda resta vergonha. Para ele, o Chapéu, ao mesmo tempo que defende o que há de mais alto no Cavaleiro, que é sua cabeça, ou seu olhar, ajuda-o a perceber que ele ainda olha as coisas da terra, e a vergonha o protege por constantemente lembrá-lo de não se inclinar à defeitos vis e que nem a nobreza de sua coragem desça à maldade, ao engano ou a algum mau ensinamento (LLULL, 1275: c.V, 4.).

Flori (data), ao citar a investidura de Geoffroy de Anjou, no Pentecostes do ano de 1128, aponta a entrega, entre outros materiais, da cota de malha, que seria incomparável e que nenhuma lança ou flecha poderia perfurar, bem como calções da mesma qualidade, e esporas douradas.

A ideia da cota de malha impenetrável é apontada, já no século XIII por Lúlio, como uma fortaleza, como se a cota de malha fosse um muro de um castelo que protege o cavaleiro por todos os lados dos vícios e faltas. Sendo assim, é possível perceber que os ferimentos da guerra são simbolizados pelos sentimentos negativos, opostos à virtude, e assim, da mesma maneira que o cavaleiro possui em sua vestimenta, uma malha capaz de protegê-lo, impenetrável como um forte muro de um castelo, assim também o cavaleiro deve estar protegido contra os vícios, tais como o orgulho e a deslealdade (LLULL, 1275: c. V, 5.). Da mesma maneira, as calças de ferro protegem seus caminhos, ao passo que as esporas lhe conferem diligência, esperteza e a ânsia de manter honrada a Ordem. O cavaleiro, com a espora, esporeia o cavalo e o estimula a ir mais rápido e mais longe, assim como deve ser a motivação do cavaleiro.

A gorjeira, que protege o cavaleiro entre o elmo, ou chapéu de ferro e a cota de malha, é moldada para proteger o pescoço do guerreiro. Entretanto, por ser rígida, limita a mobilidade do pescoço do cavaleiro. A retidão do olhar, sempre para frente, praticamente imposta por este elemento, é apontada por Lúlio com a simbologia da obediência: “Assim como a gorjeira envolve o colo do cavaleiro para que esteja defendido de feridas e golpes, assim obediência faz estar o cavaleiro dentro dos mandamentos de seu senhorio ou maior dentro da Ordem de Cavalaria” (LLULL, 1275: c.V, 8.).

A maça que é dada ao cavaleiro significa, para Lúlio, força e coragem, golpeando todas as armas e ferindo todas as partes. É portanto, uma defesa ativa do cavaleiro, pois enquanto defende-se, também fere. Ou seja, enquanto o cavaleiro age com coragem para evitar o vício, fortifica cada vez mais suas virtudes.

Se lhe faltarem as armas, sobra ainda ao cavaleiro a arma da misericórdia, para que confie que Deus estará ao seu lado combatendo os inimigos. Golpeá-los com a misericórdia é uma forma de demonstrar que acima de confiar em suas armas e em si mesmo, o cavaleiro deve, verdadeiramente, confiar em Deus.

Starling (2009) e Costa (1998) também destacam a relação que Lúlio apresenta entre o escudo e a defesa: assim como o escudo defende o cavaleiro das armas do adversário, também o cavaleiro em si representa um escudo entre os inimigos e seu povo, seu rei, a igreja e a fé, para Starling (2009) uma metáfora para a morte em nome de Deus. Apesar de Lúlio sugerir o escudo como elemento de defesa da fé Cristã, Costa (1998) ressalta a ambiguidade da arma, uma vez que para na Canção de Rolando o escudo cravejado de brilhantes é dado ao muçulmano por um demônio. Mesmo assim é possível perceber que Lúlio aponta o escudo de forma positiva.

O cavalo é considerado, para Lúlio, uma arma. Esta, que determina o ofício da cavalaria, não pode ser fabricado por mãos humanas, somente por Deus. Sendo assim, a mais importante das armas e a que determina esta função tão nobre, é um presente criado por Deus. Lúlio apresenta a tese de que o cavalo coloca o cavaleiro mais alto do que qualquer outro homem, indicando seu papel e lugar na sociedade. Além de ser visto de longe, ser destacado, ele consegue observar com um olhar

superior onde deve fazer agir sua justiça, em prol dos mais fracos. Cabe ressaltar que, no início da obra, Lúlio ressalta que o cavalo seria o mais nobre dos animais, chamados por Lúlio, assim como os medievais, de bestas. No caso do cavalo, a besta mais bela, a mais veloz, que pudesse suportar mais trabalho (LLULL, 1275: c.I, 3.) e a união do homem mais virtuoso de cada mil homens, ao animal mais nobre entre os animais, fez surgir o cavaleiro. Apenas retomando ainda mais os apontamentos a respeito das origens da cavalaria sugeridas por Lúlio, já que esta não é a temática específica deste trabalho, a escolha das armas também se deu entre as armas mais nobres:

Ajustada a mais nobre besta ao mais nobre homem, seguidamente conveio que o homem elegeisse de todas as armas, aquelas armas que são mais nobres e mais convenientes para o combate e para defender o homem das feridas e da morte, e aquelas armas o homem doou e apropriou ao cavaleiro (LLULL, 1275: c.I, 4.).

Percebemos, portanto, que para Lúlio não apenas o cavaleiro escolhe as melhores armas para si, mas também para seu cavalo. Por este motivo, ao discorrer sobre a simbologia das armas, Lúlio também se refere aos arsenais específicos para o cavalo, tais como o freio e as rédeas. Ao cavaleiro, cabe refrear sua boca de falar palavras feias e falsas, e deixar que as rédeas de Cristo o guiem. (LLULL, 1275: c.V, 14). Da mesma maneira, como a cabeça do cavalo é a primeira, a frente do cavaleiro, este deve possuir uma testeira que o proteja, assim como ambos podem proteger o povo, pelo seguinte raciocínio: assim como o cavalo não poderia se defender sem guarnições, como a proteção na testa, não poderia também o cavaleiro, sem estes bens, tais como a testeira e outras guarnições, manter a honra da cavalaria e sua ação. A testeira também defende de maus pensamentos, assim como o elmo ou, nas palavras de Lúlio, chapéu de ferro.

O Perponte, manto ou casaco curto acolchoado que cobria o cavaleiro desde o pescoço até a cintura, está acima da cota de malha, do ferro, da gorjeira. Sendo assim, acima de todas as outras armas, protege-as e está em contato com a chuva, o vento, recebe os primeiros golpes, para Lúlio, representa o cavaleiro. É ele que, em um período de dificuldades é o primeiro a receber os golpes, na tentativa de evitar que as intempéries (simbolizadas pelo sol, chuva, vento) cheguem à Igreja, ao rei, ao povo, aos mais fracos. Este Perponte, assim como a sela e o escudo,

possuem brasões que identificam se o cavaleiro pertence à ordem ou não. Além disso, a bandeira, dada ao rei, príncipe e cavaleiro, identifica e lembra ao cavaleiro a quem a honra deve ser prestada, bem como a fidelidade.

Considerações Finais

Este texto pretendeu discorrer a respeito da simbologia presente na descrição das armas do cavaleiro medieval feita por Lúlio em 1275. É possível observar um conjunto de elementos que sugerem a importância da retomada dos valores cristãos e da relação presente entre a Igreja e a ordem de cavalaria.

É possível perceber, na descrição das armas e instrumentos a serem usados pelo cavaleiro e seu cavalo, a preocupação de Lúlio em revalorizar a fé Cristã e justificar o arsenal pela simbologia. Esta simbologia relembra constantemente elementos que fazem parte da vida do cavaleiro: as virtudes, a verdade, a justiça, a necessidade de obediência, de buscar lutar com coragem contra os vícios, a motivação, a ansia, a honra, a função de se posicionar entre a igreja e os infiéis, entre os mais fracos e os problemas, entre os reis e os inimigos; a necessidade da revalorização da ordem, colocando o cavaleiro como mais alto que os homens, como o primeiro a receber os golpes dos problemas e intempéries da vida medieval.

Referências

BEAUMONT, Pierre de. **La Chanson de Roland**. Didier, Paris, 1964.

COSTA, Ricardo da. A Cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (1275), de Ramon Llull. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (Eds.). Ramon Llull caballero de la fe. **Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español**. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>. Acesso em 20 abr 2012

COSTA, Ricardo da. **O Livro da Ordem de Cavalaria**. Tradução, notas, prefácio, autor e obra, cronologia de obras. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o Libro del Orden de Caballería. **Revista Mediaevalia**. Textos e Estudos 11-12 (1997), p. 231-252. Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras do Porto e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (ISSN 0872-0991).

Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/ramon-llull-1232-1316-e-o-modelo-cavaleiresco-iberico-o-libro-del-orden-de-caballeria> Acesso em 20 abr 2012

COSTA, Ricardo da. **A Guerra na Idade Média**: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p.151

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio. Angonese. Bauru: Edusc, 2001, 458 pp.

FLORI, Jean. **A Cavalaria**. A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. Trad. Eni Tenório dos Santos. São Paulo, Madras, 2005.

LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2000.

LLULL, Ramon. **Vida Coetania**. Tradução: Luísa Costa Gomes. Disponível em: http://www.ramonllull.net/sw_studies/l_br/t_luisacosta.htm Acesso em: 25 jun 2013

OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino **Anais Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História**, São Leopoldo, 2007.

ROUSSET, Paul. **História das cruzadas**. Trad. Roberto Cortes de Lacerda [*Histoire des croisades*. Paris, Payot, 1978]. Rio, Zahar, 1980. págs. 217; 220

STARLING, B. P. . A ética cristã e o ideal cavaleiresco no Livro da Ordem de Cavalaria de Raimundo Lúlio. **Revista tempo de conquista**, v. n. 6, p. 01-16, 2009

ZIERER, Adriana. O modelo Pedagógico de Cavaleiro segundo Ramon Llull. *In*: OLIVEIRA, T. e MACHADO, M. C. G. (Org.). **Educação na História**. São Luiz, MA. Editora UEMA, 2008.